

O *STORYTELLING* COMO METODOLOGIA FACILITADORA DO APRENDIZADO EM EMBRIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

STORYTELLING AS A FACILITATIVE METHODOLOGY FOR LEARNING IN EMBRYOLOGY IN BASIC EDUCATION

LA NARRACIÓN COMO METODOLOGÍA FACILITADORA DEL APRENDIZAJE EN EMBRIOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Bruno Gomes dos Anjos

soubrunoanjos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7971-5708>
Universidade Federal de Minas Gerais

Leandra Eugênia Gomes de Oliveira

lego@uesb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2907-3321>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Ana Cristina Santos Duarte

anacristina@uesb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-3537-9095>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Israel Silva Cruz

ixr4ell@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2859-7198>
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

O ensino de embriologia na educação básica enfrenta muitos obstáculos, em razão de inúmeros fatores que perpassam desde o nível de abstração dos conteúdos, até a falta de materiais didáticos adequados para abordá-los em sala de aula. Entretanto, é necessário pensar e discutir sobre propostas pedagógicas que auxiliem na superação desses fatores, uma vez que a embriologia abriga uma série de informações que são essenciais para a formação cognitiva, social e crítica dos estudantes. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência vivenciada durante o desenvolvimento de uma sequência didática (SD), utilizando o *storytelling* (contação de histórias) como metodologia ativa e facilitadora do aprendizado em embriologia na Educação Básica. Se trata de uma pesquisa qualitativa, descritiva e interventiva, realizada em um colégio da rede pública do interior do estado da Bahia, com alunos do 1º ano do ensino médio. Os dados foram coletados por meio da observação participante, do diário de campo, produzido pelo pesquisador, e de memórias de aula, produzidas pelos estudantes no decorrer da SD. Foram analisados com a técnica de análise de conteúdo. Apesar de limitações como, por exemplo, o tempo e a resistência dos alunos, os resultados ressaltam o potencial do *storytelling* como uma metodologia eficaz para facilitar o aprendizado de embriologia, uma vez que promove a contextualização, a dinâmica em sala e a participação ativa dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e de competências e habilidades essenciais para as tomadas de decisões responsáveis nas suas relações.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de embriologia; Metodologias ativas; *Storytelling*; Contextualização; Contação de histórias.

ABSTRACT

The teaching of embryology in basic education faces many obstacles due to numerous factors ranging from the level of abstraction of the content to the lack of adequate teaching materials for addressing it in the classroom. However, it is necessary to think about and discuss pedagogical proposals that help overcome these factors, as embryology encompasses a range of information essential for the cognitive, social, and critical development of students. Thus, the objective of this study was to report the experience during the development of a didactic sequence (DS) using storytelling as an active and facilitating methodology for learning embryology in basic education. This is a qualitative, descriptive, and interventionist research conducted in a public school in the interior of the state of Bahia, involving first-year high school students. Data were collected through participant observation, a field diary produced by the researcher, and class memories written by students throughout the DS. The analysis was carried out using the content analysis technique. Despite limitations such as time constraints and students' resistance, the results highlight the potential of storytelling as an effective methodology for facilitating the learning of embryology, as it promotes contextualization, classroom dynamics, and active student participation, fostering the development of critical-reflective thinking and essential skills and competencies for making responsible decisions in their relationships.

KEYWORDS: Embryology teaching; Active methodologies; *Storytelling*; Contextualization; *Storytelling*.

RESUMEN

La enseñanza de la embriología en la educación básica enfrenta muchos obstáculos debido a numerosos factores que van desde el nivel de abstracción de los contenidos hasta la falta de materiales didácticos adecuados para abordarlos en el aula. Sin embargo, es necesario reflexionar y debatir sobre propuestas pedagógicas que ayuden a superar estos factores, ya que la embriología abarca una serie de informaciones esenciales para la formación cognitiva, social y crítica de los estudiantes. De esta manera, el objetivo de este trabajo fue relatar la experiencia vivida durante el desarrollo de una secuencia didáctica (SD) utilizando el storytelling (narración de historias) como metodología activa y facilitadora del aprendizaje de embriología en la educación básica. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva e interventiva, realizada en una escuela pública del interior del estado de Bahía, con estudiantes del primer año de educación secundaria. Los datos fueron recolectados mediante observación participante, un diario de campo producido por el investigador y memorias de clase elaboradas por los estudiantes durante el desarrollo de la SD. El análisis se realizó utilizando la técnica de análisis de contenido. A pesar de limitaciones como el tiempo y la resistencia de los estudiantes, los resultados resaltan el potencial del storytelling como una metodología eficaz para facilitar el aprendizaje de la embriología, ya que promueve la contextualización, la dinámica en el aula y la participación activa de los estudiantes, favoreciendo el desarrollo del pensamiento crítico-reflexivo y de competencias y habilidades esenciales para la toma de decisiones responsables en sus relaciones.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de embriología; Metodologías activas; Storytelling; Contextualización; Narración de historias.

INTRODUÇÃO

A embriologia é a área da Biologia responsável por contar a história da origem e do desenvolvimento de um ser vivo, desde a formação do zigoto, até o nascimento, abrangendo todas as etapas entre essas duas fases. Também é responsável pelo estudo sobre os diferentes mecanismos que se relacionam com a Biologia da Reprodução e do Desenvolvimento (Moore; Persaud; Torchia, 2022). De acordo com Ribeiro (2018), ela abrange conhecimentos sobre a morfologia e a fisiologia do processo de origem da vida, além de abrigar explicações a respeito da formação dos tecidos, da organogênese e, conseqüentemente, do conjunto de sistemas que compõem o nosso corpo (Sadler, 2019; Moore; Persaud; Torchia, 2022).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que os conteúdos da embriologia devem ser apresentados aos estudantes a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo que na fase do Ensino Médio essa temática deve ser um pouco mais aprofundada. Em ambos os casos, com o objetivo de “representar o autocuidado com o corpo e o respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva” (Brasil, 2018, p. 343). A literatura aponta que os assuntos abordados no ensino da embriologia dentro das escolas, possuem um grande potencial, quando trabalhados da maneira correta, para a formação de pessoas críticas e comprometidas com as mudanças da sociedade (Souza *et al.*, 2015). No entanto, até que esses conteúdos sejam abordados em sala de aula, um caminho longo e cheio de obstáculos deve ser percorrido (Marcuzzo *et al.*, 2019; Anjos; Oliveira; Duarte, 2024).

De acordo com Paixão, Menezes e Araripe (2021), o ensino de Ciências e Biologia é considerado desafiador, e geralmente isso se relaciona com a grande quantidade de termos e nomenclaturas científicas (Jotta, 2005), além da difícil visualização de estruturas, processos e fenômenos, que muitas vezes se tornam abstratos na mente dos alunos. Em razão disso, na grande maioria das vezes, os conteúdos são abordados de maneira tradicional pelos professores (Santos; Ribeiro; Prudêncio, 2020). Isso corrobora para o não sucesso no processo de ensino e aprendizagem da disciplina, uma vez que, de acordo com Paulo Freire (2003, p. 47), “ensinar não é apenas transferir conhecimento, e sim criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Na pesquisa feita por Santos, Ribeiro e Prudêncio (2020), destaca-se que, juntamente com os fatores citados acima, ainda existe uma outra variável que dificulta o ensino de embriologia, a qual diz respeito a falta de contextualização no momento da abordagem pelo professor, fazendo com que os alunos não consigam relacionar os acontecimentos da sua realidade com o que está sendo estudado. No entanto, a literatura já aponta que os professores estão cada vez mais se preocupando em relacionar as temáticas com as vivências dos educandos, o que certamente acarreta um resultado

positivo dentro do aprendizado da disciplina, além de estimular a valorização e o desenvolvimento do pensamento crítico que serve de base para a sua atuação como sujeito ativo dentro da sociedade (Santos; Ribeiro; Prudêncio, 2020).

O fato é que o ensino de embriologia tem abordado os seus conteúdos de forma metódica, descritiva e apenas com o objetivo que estes sejam memorizados pelos alunos, colocando-os em posição exclusivamente passiva durante o seu próprio processo de aprendizagem (Caldeira, 2009). Castoldi e Polinarski (2009) retratam que, geralmente, os professores se limitam apenas ao conteúdo encontrado no livro didático quando vão ensinar embriologia, o que pode ser considerado um problema, uma vez que mesmo o livro tendo passado por mudanças durante os anos, os conteúdos ainda não se encontram relacionados com o cotidiano dos alunos, o que pode dificultar a aprendizagem (Megid Neto; Fracalanza, 2003; Vasconcelos; Souto, 2003). Contudo, essa limitação dos docentes pode estar relacionada a diversos fatores, como, por exemplo, a carga horária exaustiva, que os impede de elaborar estratégias mais atrativas de ensino, ou a falta de materiais e ferramentas necessários para auxiliarem durante o processo (Mello, 2009).

No entanto, Assunção e Miglino (2020), apontam que os métodos tradicionais já são ultrapassados e não colaboram significativamente para a construção do conhecimento do aluno. De acordo com a BNCC, é preciso utilizar metodologias alternativas e interativas eficazes e que gerem interesse no estudante, desenvolvendo a sua criatividade, capacidade de investigação e autonomia, tornando-o sujeito pensante, ativo e protagonista do seu próprio desenvolvimento escolar (Brasil, 2018), e é nesse sentido que surgem as metodologias ativas de aprendizagem, as quais possuem como objetivo a centralização do aluno no processo educacional. Essas metodologias são consideradas como estratégias pedagógicas que possuem a capacidade de potencializar a educação, favorecendo a aprendizagem ativa dos alunos, os quais passam a assumir um papel de protagonistas no processo de ensino e aprendizagem (Sobral *et al.*, 2020). Sendo assim, Beltrão (2017) aborda a metodologia ativa como aquela que é centrada no educando e na capacidade que ele possui de fazer parte ativamente da sua formação, priorizando a construção coletiva do conhecimento.

Nessa perspectiva, os estudos apontam que o uso dessas metodologias promove a diversificação de formas de abordagem em sala de aula, sendo um meio comprovadamente eficaz e capaz de suprir as necessidades para uma aprendizagem significativa como, por exemplo, a contextualização, o estímulo criativo e a ação. Esses são elementos cruciais para uma formação crítica que os tornem capazes de realizarem tomadas de decisão precisas e de forma coerente no meio social em que vivem (Sobral *et al.*, 2020). Sendo assim, "mais do que apenas descrever o conteúdo aprendido, os alunos são capazes de criar conexões lógicas entre o tema e outras situações análogas, entre experiências vividas e à sua própria realidade" (Valença; Tostes, 2019, p. 227).

Tendo em vista as possibilidades dessas metodologias, Gil (2013) afirma que a aprendizagem só acontece se o estudante tiver vontade de aprender. Nesse sentido, o professor deve ser um verdadeiro estrategista pedagógico, fazendo com que as metodologias ativas entrem no processo, criando e desenvolvendo condições para a construção do conhecimento de forma ativa, reflexiva, criativa e diversa, favorecendo a formação do cidadão capaz de ser inovador e formador de opiniões próprias (Anastasiou; Alves, 2005). Dentre essas metodologias, temos o *storytelling* (Alcântara, 2020), a qual foi a escolhida para o desenvolvimento da presente pesquisa. Essa metodologia envolve o uso de narrativas (contação de histórias) para compartilhar experiências ou abordar conteúdos específicos, de modo a construir significado e promover uma compreensão profunda do conhecimento. Assim, o *storytelling* facilita a conexão entre professor e aluno, promovendo uma abordagem lúdica que torna conceitos abstratos mais acessíveis (Wilwert *et al.*, 2021). Todavia,

é importante ressaltar que, assim como as demais metodologias ativas, o *storytelling* não se trata apenas do uso da estratégia de contação de histórias para dar aulas, mas sim da combinação dessa estratégia com um conjunto de técnicas específicas,

que são colocadas em prática para atingir o objetivo da metodologia ativa, que é, principalmente, incluir o aluno ativamente no processo de ensino e aprendizagem (Anjos, Oliveira; Duarte, 2024, p. 217).

E foi por essas perspectivas que acreditamos em seu potencial para o ensino da embriologia.

As histórias são contadas por todo o tempo, de pessoa para pessoa e em suas diversas formas. O ato de contar histórias está presente na sociedade humana desde muito tempo (Heinemeyer, 2018). Em seu livro "Sapiens", Harari (2018) diz que a nossa linguagem possivelmente evoluiu como uma forma de fofoca, que nada mais é, em seu sentido mais positivo, a narração de um fato. Logo, a contação de histórias é considerada a mais antiga das artes (Yolen, 1986), sendo descrita por Chambers (1970, p. 43) como "uma técnica de ensino que resistiu ao teste do tempo". Dessa forma, Valença e Tostes (2019) defendem que a contação de histórias sempre foi uma das estratégias utilizadas para transmitir conhecimentos, experiências e valores.

Daigle (2016) trata do *storytelling* como uma estratégia que possibilita o aluno estabelecer relações, de maneira que as histórias possam desenvolver diferentes faces e assumam diversas funções em cada um, por meio da metodologia ativa. Para que isso aconteça, segundo Valença e Tostes (2019), o professor deve, primeiramente, planejar a sua aula, traçar os seus objetivos e estruturar a sua narrativa de acordo com o que foi estabelecido previamente. Sendo assim, o *storytelling* é desenvolvido a partir da escolha do tema, do planejamento e das dinâmicas, com o intuito de "inquietar" o aluno em cada fase do processo, para que a participação dele seja ativa e autônoma. Por esse motivo, o professor ou narrador deve escolher uma narrativa que possa sofrer adaptações e/ou reformulações, de acordo com a reação dos ouvintes, sempre prezando pela atenção e participação deles (Daigle, 2016). Posto isso, é válido ressaltar que quando as etapas elencadas acima não se encontram presentes, essa metodologia pode até mesmo ser confundida com uma pedagogia tradicional.

Wilwert *et al.* (2021, p. 14), ao realizarem uma revisão sistemática de estudos sobre a contação de histórias como facilitadora da aprendizagem, depois de analisarem detalhadamente inúmeros trabalhos de diversos autores, chegaram à conclusão de que "utilizar histórias, na sala de aula, resultou em maior engajamento dos alunos, melhoras nas relações entre eles e no desenvolvimento, principalmente, daqueles com algum problema de aprendizagem". Sendo assim, nota-se que o *storytelling* possui um grande potencial como ferramenta pedagógica, com grande capacidade de contribuição para a aprendizagem (Valença; Tostes, 2019).

Com base nas informações supracitadas e em uma vasta pesquisa bibliográfica a respeito do *storytelling* enquanto metodologia de ensino, reconhecemos um potencial significativo para o ensino da embriologia. Nesse sentido, elaboramos uma sequência didática com os conteúdos de embriologia e reprodução humana, a qual foi desenvolvida em uma turma do 1º ano do ensino médio, utilizando as várias formas de uso do *storytelling* na sala de aula. Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla a respeito dos limites e das possibilidades dessa estratégia pedagógica para o ensino de embriologia; todavia, o nosso objetivo aqui foi relatar a experiência vivenciada durante o desenvolvimento da SD, enfatizando o uso do *storytelling* como metodologia facilitadora do aprendizado em embriologia na Educação Básica.

METODOLOGIA

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e foi aprovada sob parecer número 5.510.567 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 59899222.7.0000.0055.

O presente trabalho compreende uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois é centrada na análise empírica da produção e construção de conhecimentos (Winques, 2022). É descritiva, pois

procura “descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (Triviños, 1987, p. 100). Além de ser interventiva de aplicação, uma vez que se trata de uma modalidade que visa relacionar a investigação e construção de conhecimento, com uma ação de intervenção através do planejamento, execução e análise de dados (Teixeira; Megid Neto, 2017). Foi realizada em um colégio da rede pública e periférico, na zona urbana de Jequié, um município do interior do estado da Bahia, envolvendo 15 alunos do 1º ano do ensino médio. Neste estudo, utilizamos uma sequência didática (SD) (Quadro 1) que, segundo Cavalcanti, Ribeiro e Barro (2018), é um meio de organizar as atividades escolares.

Quadro 1: Plano geral da Sequência Didática

Objetivo Geral	Compreender os principais aspectos envolvidos na Reprodução e Embriologia Humana, relacionando os conteúdos com o cotidiano dos discentes.			
Carga Horária	5 aulas de 50 minutos			
Competência/ Habilidades	Competência Específica 2 / EM13CNT207 - EM13CNT208, conforme BNCC.			
Descrição Metodológica				
Encontros	Objetivos Específicos	Conteúdo Programático	Metodologia	Recursos
1º Encontro (50 min)	Discutir os principais conceitos relacionados com a embriologia; Compreender os mecanismos de formação e maturação dos gametas.	Introdução à embriologia; Sistemas reprodutores masculino e feminino; Gametogênese.	Apresentação e construção das nuvens de palavras; Aula expositiva-dialogada; Separar grupos e temas dos trabalhos a serem apresentados na última aula; Falar sobre a memória de aula.	Papel; PowerPoint; Quadro; Televisão; Notebook; Modelos didáticos.
2º Encontro (50 min)	Compreender o processo de fecundação e reconhecer a sua importância; Descrever e conhecer as fases do desenvolvimento embrionário inicial.	Fecundação; Desenvolvimento embrionário.	Aula utilizando a contação de história (com modelos didáticos como ferramenta de apoio); Reprodução do vídeo “Um jeito divertido de entender a fecundação”. Lembrar da memória de aula.	Modelos didáticos; Quadro; Televisão; Notebook; Vídeo.
3º Encontro (50 min)	Compreender a importância dos anexos embrionários para o	Anexos embrionários; Período fetal;	Relembrar pontos da aula anterior; Continuação da história iniciada na aula anterior (com	PowerPoint; Modelos didáticos; Quadro;

	desenvolvimento do embrião/feto; Descrever como acontece o desenvolvimento do feto; Relatar os principais acontecimentos durante o parto.	Mecanismo do parto.	modelos didáticos e <i>PowerPoint</i> como ferramenta de apoio); Reprodução do vídeo "Mecanismo do parto normal". Lembrar da memória de aula.	Televisão; Vídeo.
4º Encontro (50 min)	Elencar os diferentes métodos contraceptivos e sua importância; Aprender sobre o próprio corpo e reconhecer a importância disso; Estabelecer relações entre o conteúdo e o cotidiano.	Ciclo menstrual; Métodos contraceptivos.	Aula expositiva-dialogada sobre ciclo menstrual; Exibição de um vídeo animado (<i>digital storytelling</i>) para discutir sobre os métodos contraceptivos; Lembrar da memória de aula e das apresentações da aula seguinte.	Vídeo; Quadro; Televisão; <i>PowerPoint</i> .
5º Encontro (50 min)	Discutir a respeito das IST's, destacando os principais meios de proteção contra elas, estabelecendo relações com o cotidiano.	Infecções sexualmente transmissíveis (IST's).	Apresentação dos trabalhos; Recolhimento das memórias de aula; Construção das nuvens de palavras finais e do questionário diagnóstico.	Televisão; <i>PowerPoint</i> ; Quadro.
Avaliação	Participação e interesse dos alunos durante o desenvolvimento das atividades.			
Bibliografia	CARLSON, B. M. Embriologia Humana e Biologia do Desenvolvimento. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. (VID); TORCHIA, M. G. Embriologia Básica. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2022. SADLER, T. W. Langman, embriologia médica. 13 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019. DAYANE. Mecanismo do parto normal. YouTube, 14 ago. 2016. https://www.youtube.com/watch?v=b6tGw6dzQb8. DW BRASIL. Um jeito divertido de entender a fecundação. YouTube, 20 fev. 2020. https://www.youtube.com/watch?v=mhmcTP_rz2M&t=3s. COIMBRA, L. A. P. Uma história de amor...diferente. YouTube, 26 dez. 2020. https://www.youtube.com/watch?v=ni4SNGTfMMg&t=15s.			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados da pesquisa foram coletados por meio da técnica de observação participante, uma vez que o pesquisador¹ fez parte do processo e estava inserido na realidade que foi observada (Guerra, 2014), em conjunto com instrumentos de coleta como: (i) diário de campo, onde foram registradas todas as observações e percepções do pesquisador em cada um dos momentos da SD, e (ii) memórias de aula, as quais foram escritas pelos alunos no final de cada encontro realizado, e recolhidas no último dia da SD, sendo este um produto da percepção deles sobre a SD e do conhecimento construído. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), que é usada quando se objetiva fazer uma apuração crítica e empírica. Para garantir o anonimato e preservar a identidade dos participantes da pesquisa, resolvemos identificá-los por pseudônimos relacionados à embriologia, os quais foram escolhidos aleatoriamente, portanto, não se relacionam com nenhuma característica dos estudantes.

Em cada dos encontros da SD, houve diálogos e discussões sobre temas pertinentes e ligados direta ou indiretamente à embriologia, de maneira contextualizada e de modo a valorizar o protagonismo do estudante no seu próprio processo de construção do conhecimento. Sendo assim, aqui serão relatadas as experiências vivenciadas dentro da sala de aula durante a intervenção, destacando os principais pontos, sejam eles positivos ou negativos, e relacionando-os com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a apuração dos dados, observamos que a melhor maneira de discutirmos sobre eles, seria os agrupando em categorias que se relacionassem com o período cronológico em que as atividades aconteceram. Assim, os dividimos em cinco categorias, as quais fazem menção a cada um dos encontros da SD. Essas categorias serão apresentadas e discutidas a seguir, na forma de subtópicos dessa seção.

Categoria 1: Primeiro encontro

Nesse primeiro encontro, foram iniciadas as atividades da SD com um breve momento de apresentação e descrição da proposta interventiva realizada com os alunos. Além disso, dialogamos sobre as nossas expectativas a respeito das aulas que seriam desenvolvidas e, também, fizemos alguns acordos em "mão-dupla", com o objetivo de garantir que o processo de ensino e aprendizagem fosse o mais proveitoso possível, tanto para o pesquisador, quanto para os estudantes. Entre esses acordos, destacamos aqui o "respeito mútuo", o "ouvir atentamente", e o "aprender divertidamente". Nesse momento, o objetivo do pesquisador era fazê-los compreender que a sala de aula é lugar de vivências, e que isso faz parte do processo educacional, mas que é necessário respeitar os limites e o espaço do outro enquanto pessoa e/ou profissional. Essa conversa foi crucial para conhecê-los e estabelecer relações, o que, segundo Belotti e Faria (2010), se configura como significativo e aumenta as chances de aprendizagem efetiva.

Ainda sobre estabelecer relações com os alunos, Freire (1996, p.77), diz que "toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina". Isso nos leva a compreensão de que não existe Educação sem a interação, logo, ela é facilitada por meio da relação entre o sujeito que ensina e o sujeito que está sendo ensinado (independentemente da hierarquia). Além disso, as interações promovem o despertar de características diversas nos indivíduos enquanto seres sociais, como por exemplo a afetividade. Isso ficou marcado na fala do aluno *Trofoblasto*, quando ele disse "hoje foi um dia especial, pois foi a primeira aula do professor". Ao se referir ao primeiro contato com uma pessoa que ele acabou de conhecer como "especial", esse aluno nos leva a inferir que o seu lado afetivo foi despertado pela experiência daquele dia. De acordo com Wallon (2007), a dimensão afetiva é de grande importância

¹ Destacamos que em todo momento que for utilizado o termo "pesquisador", este estará se referindo ao primeiro autor deste trabalho

para a construção do ser social e do conhecimento, o que dialoga com o que Freire (1996) diz sobre a prática educativa não ser neutra, mas sim possuir capacidade de influência dentro da realidade do aluno e do educador.

Além disso, aqui também conversamos sobre a proposta das memórias reativas de cada aula e a apresentação de trabalhos no final da SD. Nesse momento, a turma reagiu de forma bem agitada e sem muito sucesso de aprovação das propostas apresentadas, o que acabou gerando um pouco de tumulto na sala. Essa reação já era esperada, uma vez que foi apresentado algo novo, o qual não fazia parte do habitual e, geralmente, novas propostas causam inquietações nos alunos (Alcântara, 2020). Dessa maneira, é papel fundamental do professor, enquanto mediador do processo, tranquilizar a turma, esclarecendo todas as dúvidas e explicando detalhadamente cada uma das propostas, de modo que os alunos consigam compreender os benefícios das atividades a serem desenvolvidas por eles. Assim, o diálogo com a turma foi retomado, e os estudantes foram tranquilizados, de modo a perceberem que não existia motivo para haver preocupação.

Após esse momento inicial, foi entregue aos discentes uma folha de papel ofício A4, onde no centro estava impressa a palavra "Embriologia", para que eles pudessem construir uma nuvem de palavras com as suas concepções prévias sobre o que essa área do conhecimento representava para eles. Para isso, foi pedido que escrevessem ao redor da palavra impressa no papel, tudo o que eles pensavam sobre Embriologia e o que ela representava. Após o término dessa atividade, os papéis foram recolhidos pelo pesquisador, uma vez que esse material serviu como instrumento para coleta de dados para um outro recorte dessa pesquisa (Anjos *et al.*, 2024).

Em seguida, foi dada continuidade à aula, de forma expositiva e dialogada; aqui a nossa discussão girou em torno do conceito de Embriologia, onde os discentes puderam expressar, agora, oralmente, as suas concepções sobre o tema, fazendo com o que o pesquisador pudesse ter uma visão geral dos seus conhecimentos prévios, o que funcionou como um parâmetro para entender de onde a discussão poderia partir. Para Ausubel (2003, p. 170), "ideias anteriormente apreendidas possuem potencialidades de retenção a longo prazo", e isso nos leva a perceber que valorizar o conhecimento prévio do aluno, é compreender que ele já possui uma carga de informações advindas das experiências outrora vivenciadas, as quais são utilizadas para tornar significativo os conhecimentos a serem construídos. Dessa forma, isso permitiu que o nosso diálogo se desenvolvesse de forma contextualizada e dinâmica, uma vez que trabalhamos não somente com a etimologia da palavra ou conteúdos específicos, mas também com a aplicação do tema na percepção real. Sendo assim, aqui os alunos conseguiram compreender não só o que é a Embriologia e o que ela representa, mas também o porquê é importante estudá-la e onde a encontramos no dia-a-dia, direta ou indiretamente.

Após isso, foi apresentado alguns *slides* que prezaram a ludicidade e a interação, além de contar com a ajuda de alguns modelos didáticos para abordar conteúdos mais específicos: os sistemas reprodutores masculino e feminino, e a gametogênese. As ferramentas pedagógicas utilizadas foram bastante atrativas e promoveram a participação dos alunos, e isso corrobora com o que Marcuzzo *et al.* (2019) relataram sobre a utilização de ferramentas variadas despertar interesse e facilitar o entendimento da turma. Além disso, o uso de indagações durante a exposição, permitia que eles participassem ainda mais ativamente da aula. A metodologia aqui utilizada permitiu um diálogo multidirecional, onde todos os presentes na sala puderam participar de forma ativa, favorecendo a dinâmica das interações, auxiliando no entendimento dos conteúdos, facilitando a contextualização e a reflexão por parte dos alunos (Oliveira *et al.*, 2012; Amorim, 2013).

No Quadro 2, apresentamos alguns depoimentos dos alunos sobre suas percepções em relação ao 1º encontro. Destacamos a fala do aluno *Alantoide*, por exemplo, onde pode ser observado, claramente, a relação que ele fez com o conteúdo abordado e uma situação real, mesmo esta não sendo discutida durante a aula, uma vez que o foco era a Embriologia Humana. Isso nos mostra que

utilizando as ferramentas e as estratégias pedagógicas adequadas, foi possível promover a aprendizagem de maneira a valorizar os conhecimentos prévios dos estudantes e incentivar a participação ativa e a formação crítica dos mesmos. E essas características estão ligadas diretamente às metodologias ativas de aprendizagem (Alcântara, 2020).

Quadro 2: Falas dos alunos (1º encontro)

Alunos	Falas
Trofoblasto	"Aula muito produtiva, ótimo ensinamento, foi muito boa, conteúdo importante para o nosso conhecimento."
Embrião	"Aula muito produtiva. Explicação excelente, tirou todas as dúvidas, demonstração ótima."
Placenta	"Aprendemos sobre gametogênese e aparelho reprodutor, bem explicativa a aula, gostei bastante."
Âmnio	"Eu aprendi sobre a embriologia, a espermatogênese, a ovogênese, sobre o sistema reprodutor masculino e feminino, sobre a formação dos gametas."
Mórula	"Aprendi que a Embriologia é o estudo de embriões, e também estuda o desenvolvimento do zigoto, que é um ovo fertilizado. Eu já sabia que eu já fui uma única célula, mas foi muito legal descobrir como que essa célula se formou."
Zigoto	"É muito bom a gente estudar um pouco sobre o corpo humano, pois é o nosso corpo e precisamos aprender a cuidar dele e entender ele."
Alantoide	"[...] foi explicado o processo de multiplicação ou divisão dos gametas e como identificar o sexo do espermatozoide. Isso deve ser usado nos estudos com bois e vacas, porque aí eles pegam os espermatozoides fêmeas e colocam nas vacas, e aí vai nascer mais vacas pra dar mais leite e os fazendeiros devem ficar ricos"

Fonte: Elaborado pelos autores.

O primeiro encontro da SD foi marcado por uma aula com *slides* que prezaram a ludicidade e a interação dialogada. Tratar os assuntos da embriologia de maneira leve e contextualizada facilita a aprendizagem dos alunos, e as metodologias ativas permitem que esse tipo de experiência seja vivenciado dentro da sala de aula, como aponta Paiva *et al.* (2016). Isso pôde ser observado empiricamente através das falas dos alunos em suas memórias reativas desse encontro. Nesse sentido, eles expressam desde aprendizados levados para a sua realidade, até os conceitos mais específicos e opiniões pessoais (ver quadro 3). No final das contas, isso é educar. Compreender que o aluno não é um saco vazio com propósito para ser cheio de informações, mas enxergá-lo como aquele que é capaz de ouvir, refletir, relacionar e expor suas colocações, alçando voo para ultrapassar os limites dos conhecimentos prontos (Beltrão, 2017; Assunção; Miglino, 2020).

Categoria 2: Segundo encontro

No segundo encontro, a aula foi iniciada com uma breve revisão do que foi discutido na aula anterior. Posteriormente, foi dado início à principal proposta da intervenção: o uso do *storytelling*. Nesse dia, o pesquisador estava um pouco nervoso, uma vez que seria o momento de descobrir qual seria a reação dos discentes ao participarem de uma aula em formato de contação de histórias. Aqui podemos perceber que o novo não assusta apenas os alunos, mas também o professor. Utilizar uma metodologia ou uma ferramenta diferenciada nas aulas, demanda muito estudo e dedicação por parte do docente, uma vez que cada experiência vivenciada na sala de aula, precisa fazer sentido e dar propósito ao olhar dos alunos. Por essa razão, partindo da lógica educacional, quando uma nova proposta é colocada em prática, ela tende a causar ansiedade e muitas vezes insegurança nos sujeitos, o que não foge da normalidade esperada para isso (Valença; Tostes, 2019).

Bom, a história narrada durante a aula foi previamente roteirizada pelo pesquisador. Em resumo, a narrativa contava uma história fictícia de uma jovem adolescente, pertencente ao grupo social de pessoas com vulnerabilidade socioeconômica, que havia crescido e se desenvolvido em ambiente familiar perturbador, sem nenhum tipo de suporte emocional ou intelectual, e que agora teria que lidar com uma gravidez não planejada. O desenrolar da história se deu com uma conversa entre a personagem fictícia e o professor (que também era um personagem da história), onde eles falavam sobre a vida e suas nuances. Em um determinado momento da narrativa, o professor, percebendo que a menina havia crescido sem conhecer assuntos importantes sobre o seu próprio corpo (e deduzindo que esse talvez tenha sido um dos motivos que desencadearam a gravidez não desejada), pergunta à menina se haveria nela alguma vontade em aprender sobre como o seu corpo estava se comportando naquele período de gravidez e o porquê ela estava naquela condição. A partir desse momento, foram incluídos na história os assuntos relacionados ao conteúdo da embriologia. Importante ressaltar que cada fato narrado durante aula era problematizado e direcionado aos alunos, para que estes participassem ativamente da contação da história.

Os estudantes ficaram encantados com a narrativa e com a forma como a aula foi conduzida. Algumas falas como a do aluno *Blastocisto* que diz "a aula de hoje foi incrível, maravilhosa, eu amei participar da história junto com o professor", e do aluno *Mórula* destacando que foi "uma ótima aula, tudo bem explicado, tirou todas as minhas dúvidas, aprendi bastante sobre o desenvolvimento embrionário", nos mostram o quanto eles se interessaram pela metodologia adotada para abordar a temática. Durante essa aula, o pesquisador ficou em êxtase em perceber o quanto a história prendeu a atenção deles. Entretanto, todo o conteúdo de fecundação e desenvolvimento embrionário inicial foram incluídos dentro da narrativa contada, e quando, durante a história, o pesquisador falava sobre essa parte mais específica, existia uma tendência de eles ficarem um pouco dispersos e, para driblar esse obstáculo, era necessário utilizar das técnicas que o *storytelling* dispõe para a sala de aula. Entre elas, enfatizamos aqui a inserção do aluno na história através de indagações e a materialização de alguns elementos dela para o momento real.

Assim, durante o desenrolar da aula, era necessário questioná-los sobre o que eles fariam diante de determinada situação, qual seria a melhor decisão a ser tomada levando em consideração as possibilidades que eram apresentadas, além de valorizar as suas opiniões e incentivá-los a emitilas. Para mais, todos os elementos que foram utilizados dentro da narrativa, foram também utilizados fisicamente dentro da sala de aula. Logo, quando na história se falava de determinado elemento ou ação, esse mesmo elemento ou essa mesma ação, eram mostrados e/ou reproduzidos em momento real. Por exemplo, a história foi iniciada com a narrativa de que alguém havia batido no portão de casa; nesse momento, uma mesa foi utilizada como instrumento para fazer o barulho de alguém batendo na porta, com o objetivo de fazer com o que esse acontecimento da história se tornasse real para os discentes na sala de aula. Essas técnicas são fundamentais para que os alunos consigam, de fato, se inserir dentro do universo da história e, assim, alcançarem os objetivos de uma aula contextualizada, problematizadora e divertida (Kalogeras, 2013; Heinemeyer, 2018; Vinha, 2021).

Dessa maneira, todo o processo e ferramentas que estavam no plano de aula foram incluídos dentro da narrativa, e isso permitiu que os alunos se sentissem parte dela. Até mesmo o vídeo que foi reproduzido, o qual consta no plano da SD, fez parte da situação contada, e o objetivo aqui era fazer com que absolutamente todo o tempo da aula fosse utilizado para contar a história, fazendo com que o conteúdo fosse trabalhado não somente de forma específica, mas principalmente de forma contextualizada, para que os discentes compreendessem a real importância de se discutir sobre embriologia e tudo aquilo que ela alcança. O final da aula se deu por meio de uma pausa do meio da história, para que a mesma fosse finalizada no próximo encontro. O objetivo disso era instigá-los e aguçar a curiosidade, para que eles voltassem para a aula seguinte motivados e mais dispostos a aprender e a participar, mais uma vez (Vinha, 2021).

Nas falas destacadas dos alunos (Quadro 3), podemos perceber o quanto a metodologia ativa contribuiu tanto para a aprendizagem conteudista, quanto para a aprendizagem contextualizada, de modo que seja possível visualizar que as discussões e a maneira como a aula foi conduzida, teve a capacidade de alcançar até mesmo a memória afetiva dos alunos, como é mostrado na fala do aluno *Placenta*, por exemplo. O fato é que o *storytelling* surpreendeu muito e foi além do esperado, prendeu a atenção dos alunos, ajudou a contextualizar o conteúdo, ativou a participação da turma, promoveu a interação discente-discente e discente-professor, tornando a prática educacional muito mais dinâmica e estimuladora.

Quadro 3: Falas dos alunos (2º encontro)

Alunos	Falas
Embrião	"Nós aprendemos sobre a fecundação. É um assunto um pouco complexo, mas foi bem simples de entender pela forma como foi aplicada. Foi ótimo."
Feto	"Eu gostei muito, aprendi sobre o útero feminino e também aprendi sobre como se forma um bebê dentro do útero. Foi muito bom aprender sobre uma parte de mim de forma tão legal."
Zigoto	"Aula muito boa, conteúdo muito necessário para sabermos como é formado um embrião, material de apoio para o conteúdo excelente."
Placenta	"Muito bom, eu amei estudar mais sobre o útero, como o embrião se forma, e muito mais. A gente ainda estudou contando história e isso foi muito legal. Lembrei de quando minha avó fazia isso comigo quando eu era pequena."

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ademais, vale ressaltar aqui, que o *storytelling*, se não utilizado da maneira correta, poderá causar os mesmos efeitos da educação bancária citada por Freire (1974), onde o professor apenas despeja informações e os alunos as absorvem. Por essa razão, ele deve ser utilizado de modo a favorecer o diálogo, as opiniões, a problematização, a participação ativa dos estudantes durante todo o processo de troca de experiências, uma vez que, como já mencionado anteriormente, essa estratégia deseja que a audiência esboce reação sobre a narrativa, interagindo na construção conjunta do conhecimento (Valença; Tostes, 2019).

Categoria 3: Terceiro encontro

Assim como na aula anterior, o terceiro encontro foi iniciado a partir de uma revisão geral do que havia sido discutido na última aula, com o objetivo de que os discentes relembassem alguns pontos importantes para a continuação do assunto. Após isso, foi dado seguimento à narrativa que havia sido "pausada" na metade na aula anterior. Essa técnica do *storytelling* se mostrou eficaz, uma vez que instigou bastante a curiosidade dos alunos; assim que o pesquisador adentrou a sala de aula, eles já estavam bastante afoitos e extremamente curiosos para saber o que aconteceria no restante da história. Algumas falas como "vai continuar a história hoje né, professor?" e "quem chegou gritando mesmo? (fazendo alusão a uma ação que aconteceu na história) eu tô doido pra saber!", nos mostram o quanto eles estavam ansiosos para saberem o desfecho da narrativa nessa aula.

Bom, a aula foi seguida com a continuação da história, trabalhando agora os conteúdos de anexos embrionários, fase fetal e mecanismos do parto. Assim como no encontro anterior, todos os recursos e ferramentas que faziam parte do planejamento da aula, foram incluídos no meio dos acontecimentos da narrativa; os modelos didáticos utilizados, o vídeo, os *slides* e o quadro, serviram de apoio à metodologia. Isso corrobora com a afirmação feita por Valença e Tostes (2019, p. 231) ao abordarem o *storytelling* como "uma estratégia versátil e complementar a outras estratégias de

aprendizado". Como já mencionado, isso permitiu que os estudantes se apropriassem ainda mais do conteúdo e participassem muito mais da aula, uma vez que eles não se perdiam no meio da discussão, mas conseguiam memorizar os fatos narrados em conjunto com os conteúdos abordados (Festas, 2015; Wilwert *et al.*, 2021).

Dessa maneira, as ferramentas complementares (*PowerPoint*, modelos didáticos, quadro, televisão e vídeo) foram recursos excepcionais. Na fala do aluno *Blastocisto*, ele ressalta que "amei o monte de coisa que o professor trouxe pra aula, os slides dele são muito bons e a gente conseguiu ver várias fases do desenvolvimento do bebê quando ele mostrou os modelos didáticos". Podemos perceber que a combinação das várias estratégias e ferramentas de ensino se mostrou positiva para o processo de ensino e aprendizagem. Ela permitiu maior leveza das aulas, ofereceu mais possibilidade de movimento na sala, e facilitou a visualização de estruturas e processos pelos alunos. Todas essas ferramentas, associadas à estratégia de contação de histórias, permitiram que as aulas fossem ainda mais dinâmicas e interativas (Valença; Tostes, 2019).

Ademais, destacamos que a interação discente-discente e discentes-pesquisador foi de grande importância para o bom desempenho da aula. Eles participaram bastante, trouxeram contribuições interessantes e importantes, sem as quais não haveria aprendizagem ativa, uma vez que para isso, segundo Sobral *et al.* (2020), é necessário que o aluno seja protagonista, reflexivo, questionador e participativo. Além disso, também é importante dizer que quanto mais o *storytelling* era utilizado para contextualizar, mais perguntas eram feitas por eles, uma vez que conseguiam articular o conteúdo com a sua realidade e, dessa forma, buscar situações/perguntas/questionamentos na memória, e expressá-los durante a conversa, e isso pode ser percebido em algumas falas dos discentes (Quadro 4). Dessa forma, eles puderam compreender a história, de maneira que isso os levaram ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, além do aprendizado sobre o conteúdo abordado (Roberts, 2006).

Quadro 4: Falas dos alunos (3º encontro)

Alunos	Falas
Mórula	"Aula muito boa e interessante, conteúdo excelente, gostei muito do assunto e de como a gente falou sobre ele. É importante para sabermos como é formado o feto e como ele se desenvolve, afinal de contas é sobre o nosso corpo e como nos formamos."
Espermatozoide	"Foi bem interessante nós aprendermos sobre a formação do feto e como ele se alimenta. É muito legal saber que existe vários acessórios que ajudam o feto se formar com segurança até a hora de nascer. E o assunto foi bem explicado, muito fácil de entender. Eu dei muitas risadas com a história que o professor contou."
Zona pelúcida	"Aprendemos com facilidade hoje. Eu lembro que minha mãe me explicou uma vez como eu nasci, mas hoje foi muito legal porque a gente aprendeu contando história e eu até falei também."
Embrioblasto	"Eu achei a aula muito boa, bastante legal e muito interessante e também lembrei de coisas que estudei na 5ª e 6ª série. E eu achei muito lindo como o corpo humano se forma e como o professor explicou isso para a menina na história. Ela deve ter gostado muito também. Além disso, gente tem que se cuidar e estudar muito para entender o nosso corpo, pois isso é importante para que a gente se entenda e se respeite e também respeite o outro."

Fonte: Elaborado pelos autores.

Contar história dentro da sala de aula incentiva a percepção do conteúdo, por mais específico que seja, dentro da realidade vivida. A partir disso, são geradas competências e habilidades

necessárias para se viver em sociedade. Assim como destaca Reis (2021), tais competências e habilidades se concentram em respeitar as diferenças e garantir uma sociedade sustentável, com justiça social, inclusão, equidade e tomadas de decisões que visem não somente a vontade de parte de uma comunidade, mas sim, o bem estar de todos os membros de uma sociedade. Sendo assim, por cumprir com objetivos como esses, o *storytelling* se mostrou uma estratégia eficaz no que se refere ao educar de forma problematizadora e crítica, não deixando de lado os conhecimentos específicos da disciplina, mas complementando-os com o real sentido de aprendê-los.

Categoria 4: Quarto encontro

Como de praxe, o quarto encontro foi iniciado, também, com uma breve revisão das aulas anteriores, com o intuito de relembrar alguns pontos específicos e fundamentais para garantir sucesso na aprendizagem. Nas aulas anteriores, foi discutido sobre a importância e o conceito de embriologia, sobre a morfologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino, sobre a gametogênese, sobre os processos envolvidos na fecundação, formação do zigoto, desenvolvimento do pré-embrião, implantação embrionária, formação dos folhetos germinativos, anexos embrionários, fase fetal e mecanismo do parto. Já nesse encontro, foi falado sobre como o corpo da mulher se prepara para que todos esses processos relacionados à formação de um novo indivíduo aconteçam, bem como sobre as estratégias utilizadas para controlar esse curso natural; sendo assim, foi abordado o conteúdo sobre ciclo menstrual, dando enfoque sobre os principais hormônios envolvidos e no que acontece em cada parte do aparelho reprodutor feminino em cada fase do ciclo, e também sobre os principais métodos de contracepção.

Na primeira parte da aula, após a breve revisão sistematizada, iniciamos o conteúdo de ciclo menstrual. Para isso, foi utilizada a metodologia de aula expositiva-dialogada, em conjunto com *slides* interativos e modelos didáticos. Com essa estratégia, o objetivo era priorizar e incentivar a participação dos alunos na aula, através de questionamentos e problematizações que surgiam no decorrer da explicação. Apesar de ser uma parte do conteúdo bem técnica, ela sempre chama a atenção dos estudantes, uma vez que possibilita a compreensão de como todos os processos da Reprodução Humana estão diretamente interligados (Madureira, 2012). Além disso, nessa fase do desenvolvimento, os alunos se identificam muito com esse assunto, pois muitos deles estão passando por mudanças em seu próprio corpo e, conseqüentemente, possuem muitas dúvidas a respeito disso, assim como aponta o trabalho desenvolvido por Lucas *et al.* (2020). Isso também pode ser percebido quando o aluno Gástrula diz "a aula foi incrível, aprendi mais sobre relações, aprendi sobre meu corpo, amei e estou amando entender como ele funciona". Dessa maneira, nessa parte da aula, eles se mostraram bem interessados e participaram bastante, uma vez que o conteúdo se relacionava intimamente com a fase em que a maioria deles estava vivenciando.

Após a conversa sobre como tudo acontece para que a gestação ocorra, foi iniciada a segunda parte da aula: discutir sobre como ter controle sobre o corpo, através dos métodos contraceptivos. Para isso, foi reproduzido um vídeo retirado do *YouTube*, o qual contava uma história em formato digital (*digital storytelling*), sobre um casal de adolescentes que se relacionaram sexualmente sem proteção, resultando em uma gravidez precoce (Coimbra, 2020). O objetivo do vídeo enquanto ferramenta didática, era de contextualizar o conteúdo, e isso foi alcançado. Entretanto, o pesquisador percebeu que a história em formato digital não prendeu tanto a atenção dos alunos, quanto a história contada em tempo real nas duas últimas aulas. A resposta hipotética é que isso está relacionado com a faixa etária deles, uma vez que podem não mais possuir tanto interesse em assistir um desenho animado, por exemplo. Todavia, acreditamos que o que ajudou a despertar mais o interesse deles, foi a forma como a narradora conduziu a história digital, também utilizando de técnicas que instigassem a curiosidade pelo que aconteceria com os personagens no final da narrativa. Sendo assim, concluímos que o uso do *digital storytelling*, apesar de não ter sido tão bem aproveitado pelos alunos, obteve sua parcela de êxito ao cumprir com o objetivo de contextualizar

o conteúdo e possibilitar o diálogo entre a turma e o pesquisador, promovendo o surgimento de várias contribuições reais e significativas para o processo de ensino e aprendizagem.

Após a exibição do vídeo, foi dada continuidade à aula expositiva-dialogada, onde foi discutido sobre os diferentes métodos contraceptivos e como eles são importantes para a prevenção da gravidez precoce e, principalmente, contra IST's. Nesse momento, vários questionamentos de cunho social foram surgindo, e isso deixou a aula muito mais dinâmica e interessante. Dessa forma, pôde ser discutido, por exemplo, sobre o porquê de os métodos de contracepção serem desenvolvidos, na grande maioria das vezes, para atuarem apenas no corpo da mulher, e como uma sociedade historicamente machista e patriarcal pode estar relacionada com essa questão. Foi relatado, também, sobre uso incorreto desses métodos e como isso pode afetar o organismo. Além disso, a discussão também abarcou a respeito das pessoas que não possuem acesso a esse tipo de informação, e quais as possíveis consequências disso. E, por fim, foi conversado sobre como a educação sexual é importante para combater problemas sociais como os abusos sexuais e os assédios, além de ser importante para saber como proteger o seu corpo, como se impor diante de certas situações e ter respeito sobre o corpo e pelas escolhas do outro. Aqui, o tabu imposto pela massa social de que educação sexual é sobre ensinar a fazer sexo, foi quebrado (Zompero *et al.*, 2018).

Partindo da experiência supracitada e das falas dos alunos (Quadro 5), podemos compreender que os assuntos da embriologia perpassam os conteúdos específicos da Biologia. Isso significa que a abordagem desses conteúdos de forma ativa e problematizadora, nos possibilita discussões importantes e indispensáveis para a formação do ser humano que, em algum momento da vida, deverá tomar decisões que afetarão a ele mesmo e à sociedade ao seu redor (Souza *et al.*, 2015). Nesse sentido, a escola possui um papel social indispensável de possibilitar aos educandos oportunidades de desenvolvimento de habilidades e valores éticos necessários para a vivência em sociedade, assim como defende a BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (Brasil, 2015; 2018).

Quadro 5: Falas dos alunos (4º encontro)

Alunos	Falas
Zona pelúcida	"Gostei muito saber mais sobre a menstruação, como ocorre, o porquê, gostei muito mesmo de saber, porque isso me ajudou a entender mais sobre como o meu corpo funciona e a me proteger e cuidar de mim."
Placenta	"Amei a aula, aprendi sobre como me prevenir de doenças e para não engravidar. Estou amando conhecer meu corpo."
Trofoblasto	"Aula muito produtiva, é importante aprender como funciona o corpo do ser humano, e aprendemos como funciona o período menstrual feminino, conteúdo necessário para o nosso aprendizado e para nos ajudar a entender e respeitar a outra pessoa."
Blastocisto	"Essa aula foi muito importante porque eu aprendi muito sobre o ciclo menstrual. Minha mãe conversa muito comigo, ela me fala muita coisa. Educação sexual é importante porque a gente tem que entender como nosso corpo funciona e também aprender a respeitar os outros. Muitas coisas que acontecem na nossa sociedade hoje em dia são por falta das pessoas terem conhecimento sobre essas coisas."

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa aula foi uma das mais importantes da SD. Nela foi possível retomar todos os conteúdos das aulas anteriores e compreender como eles se interrelacionam, bem como discutir temas muito

importantes para a mudança de concepção dos alunos sobre o que a embriologia representa. Sendo assim, aqui eles puderam fazer parte de discussões que muitas vezes são limitadas pelo currículo escolar e pelo modelo de ensino tradicional, mas que são indispensáveis para a aprendizagem e para a formação do aluno enquanto pessoa social.

Categoria 5: Quinto encontro

Essa aula pode ser considerada atípica, quando comparada aos encontros anteriores. Aqui foi discutido sobre as IST's, destacando os principais meios de proteção contra elas e estabelecendo relações com o cotidiano, com o objetivo de conscientizar os alunos a respeito da importância e do uso dos métodos contraceptivos de forma adequada e correta. Para isso, os estudantes apresentaram o trabalho que havia sido combinado desde a primeira aula. A turma havia sido dividida em cinco grupos, sendo que cada um deles ficou responsável por abordar uma determinada IST. Dessa maneira, nesse encontro o pesquisador reforçou apenas algumas coisas importantes em cada apresentação realizada, abrindo margem para discussão, mas não ministrou nenhum conteúdo específico. O ponto chave aqui, é que as apresentações dos alunos foram realizadas, também, por meio do *storytelling*.

Os grupos fizeram o trabalho com maestria, dentro das possibilidades que eles tinham. Os discentes abraçaram a ideia e trouxeram o conteúdo incorporado dentro de uma história, utilizando de estratégias que variaram desde uma breve peça de teatro, até a construção de uma narrativa. Eles contextualizaram o conteúdo e fizeram exatamente o que a proposta pedia, o que deixou o pesquisador muito realizado e esperançoso, pois ele pôde perceber que o *storytelling* também é uma ótima estratégia nas mãos dos alunos (Fitzgibbon; Wilhelm, 1998; Valença; Tostes, 2019).

Segundo os relatos (Quadro 6), eles gostaram muito de fazer o trabalho dessa maneira. Se divertiram desde a hora das preparações, até na hora da apresentação, e isso pode ser percebido, por exemplo, na fala do aluno Mórula quando ele diz "achei muito interessante, porque não fica tão chato apresentar um trabalho e estudar para ele". Isso pode ser considerado o reflexo de que o *storytelling* permite que o aluno estabeleça relações entre o conteúdo estudado e a realidade vivenciada por ele, sendo assim uma metodologia ativa facilitadora da aprendizagem (Daigle, 2016; Valença; Tostes, 2019).

Quadro 6: Falas dos alunos (5º encontro)

Alunos	Falas
Espermatozoide	"Foi muito bom, muito divertido fazer um trabalho envolvendo tema da embriologia bem diferenciado. Isso deixou o assunto mais legal e mais fácil de entender."
Embrioblasto	"Muito legal. É uma maneira prática e interessante para trazer o assunto. Isso desperta o interesse e curiosidade para aprender o que está sendo abordado."
Nêurula	"Eu achei muito legal, porque utilizando histórias fica mais fácil de entender melhor como funciona cada situação que ocorre no nosso corpo."
Feto	"Gostei, porque ficou muito bem explicado e facilitou o trabalho e ajudou a gente a entender o assunto. E apresentar também foi muito bom e engraçado."
Zigoto	"Muito didático e prático, porque de forma tão divertida aprendemos e queremos saber mais."

Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar dos inúmeros pontos positivos, o pesquisador percebeu algumas limitações presentes em quase todos os grupos, as quais podem ser consideradas normais para uma turma da Educação

Básica, levando em consideração que se tratava de uma nova proposta de trabalho realizado por eles. Entre essas intercorrências, citamos aqui o fato de alguns colegas fazendo “piadinhas” durante a exposição dos grupos, o uso de celulares com informações sobre a apresentação durante a exposição, e um pouco de timidez na hora de apresentar. Entretanto, essas limitações podem ocorrer em qualquer proposta de apresentação de trabalho, não se restringindo à metodologia aqui defendida. Sendo assim, enfatizo que nada disso impediu que eles tivessem um bom desempenho, uma vez que deram um passo muito importante no uso de novas possibilidades, dentro do seu processo de ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, finalizamos ressaltando a importância da abordagem de conteúdos de forma que seja priorizada a participação ativa do aluno no processo, bem como a valorização do contexto social em que eles vivem, de modo a garantir que a aprendizagem aconteça para além das ementas disciplinares. Nesse sentido, o *storytelling* se mostrou bastante eficaz para alcançar esses objetivos, garantindo aos alunos, oportunidade para uma formação crítica e reflexiva, além de dinamizar a sala de aula e torná-la um ambiente prazeroso e propício para construção do conhecimento (Marsh; Luzadder, 2002; Valença; Tostes, 2019).

Os resultados desse trabalho se tratam do recorte de uma pesquisa maior a respeito dos limites e possibilidades do *storytelling* para o ensino de Embriologia na educação básica. Dois outros trabalhos dessa mesma temática já foram publicados e podem ser consultados para melhor entendimento do todo da pesquisa e suas nuances (Anjos; Oliveira; Duarte, 2024a; Anjos *et al.*, 2024b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência ressalta o potencial do *storytelling* como uma metodologia eficaz para facilitar o aprendizado de embriologia. Ao longo da SD, diversos aspectos positivos dessa abordagem se evidenciaram, tais como a capacidade de contextualizar o conteúdo, promover dinamismo na sala de aula, fortalecer a relação entre professor e aluno e estimular a participação ativa dos estudantes no processo educacional.

Apesar das vantagens identificadas, é necessário reconhecer algumas limitações da metodologia. Por exemplo, a implementação bem-sucedida requer tempo e formação adequada dos educadores, e pode haver resistência à mudança por parte dos alunos, que estão acostumados com uma estrutura de ensino mais tradicional. No entanto, os resultados obtidos sugerem que o uso do *storytelling* pode ser uma estratégia valiosa para tornar o ensino de embriologia mais significativo. Através de narrativas envolventes e contextualizadas, os estudantes são incentivados a se engajarem ativamente com o conteúdo, o que leva a uma compreensão mais profunda e duradoura dos conceitos, além de aprimorar as suas concepções críticas e reflexivas a respeito de assuntos que os cercam na sociedade.

Portanto, recomenda-se que pesquisas futuras continuem explorando o potencial do *storytelling* no ensino, buscando maneiras de aprimorar sua implementação e superar desafios. Ao fazê-lo, poderemos aproveitar ao máximo os benefícios dessa abordagem inovadora e contribuir para a constante melhoria da qualidade do ensino em ciências e biologia.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, E. F. S. (Org.). **Inovação e renovação acadêmica**: guia prático de utilização de metodologias e técnicas ativas. 1 ed. Rio de Janeiro: FERP, 2020. <https://www.researchgate.net/publication/339130014> Acesso em 25 fev. 2022.

AMORIM, A. S. **A influência do uso de jogos e modelos didáticos no ensino de biologia para alunos de ensino médio**. 2013. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) Universidade Aberta do Brasil, Centro de Ciências e Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2013. <https://docplayer.com.br/18852709> Acesso em 18 mar. 2023.

ANASTASIOU, L. das G. C; ALVES, L. P. **Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5 ed. Joinville SC: Univille, 2005.

ANJOS, B. G. dos; OLIVEIRA, L. E. G. de; DUARTE, A. C. S. Era uma vez... O storytelling como estratégia pedagógica para o ensino de embriologia. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2024a. DOI: 10.48075/ReBECM.2024.v.8.n.2.31782 Acesso em 2 jan. 2025.

ANJOS, B. G. dos; OLIVEIRA, L. E. G. de; DUARTE, A. C. S.; CRUZ, I. S. O ensino de embriologia para além da etimologia da palavra: o storytelling como possibilidade. *In: X Congresso Nacional de Educação*, 2024, Fortaleza. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2024b. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/109263> Acesso em 2 jan. 2025.

ASSUNÇÃO, M. P. B. de; MIGLINO, M. A. Métodos alternativos no processo de ensino-aprendizagem em embriologia comparativa: desafios e perspectivas. **Revista de Graduação da USP**, São Paulo: vol. 4, n. 1, p. 147-154, 2020. <https://www.revistas.usp.br/gradmais/article/view/162759> Acesso em 20 fev. 2023.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos**: Uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. Relação professor/aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010. <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf> Acesso em 20 fev. 2023.

BELTRÃO, A. L. F. **Estratégias pedagógicas no ensino de Design**: por uma Metodologia Ativa. 2017. Dissertação (Mestre em Design) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017. <http://lide.dad.puc-rio.br/publicacoes/estrategias-pedagogicas-no-ensino-de-design-por-uma-metodologia-ativa/> Acesso em 23 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias. Brasília, 2015.

CALDEIRA, A. M. A. (org). **Ensino de ciências e matemática, II**: temas sobre a formação de conceitos. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. <https://static.scielo.org/scielobooks/htnbt/pdf/caldeira-9788579830419.pdf> Acesso em 20 mar. 2023.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. *In: Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 1., 2009, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2009, p. 684-692.

<https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/recursos-didatico-pedag%C3%B3gicos.pdf> Acesso em 09 abr. 2022.

CAVALCANTI, M. H. S.; RIBEIRO, M. M.; BARRO, M. R. Planejamento de uma sequência didática sobre energia elétrica na perspectiva CTS. **Ciência e Educação**, Cidade de Publicação, v. 24, n. 4, p. 859-874, 2018. <https://doi.org/10.1590/1516-731320180040004> Acesso em 24 fev. 2023.

CHAMBERS, D. W. **Contação de histórias e drama criativo**. Dubuque: Wm. C. Brown, 1970.

COIMBRA, L. A. P. **Uma história de amor...diferente**. YouTube, 26 dez. 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=ni4SNGTFMMg&t=15s>. Acesso em 25 jul. 2022.

DAIGLE, M. Escrevendo a vida dos outros: narrativa e política internacional. **Millennium: Jornal de Estudos Internacionais**, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 25-42, 2016.

DAYANE. **Mecanismo do parto normal**. YouTube, 14 ago. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=b6tGw6dzQb8>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DW BRASIL. **Um jeito divertido de entender a fecundação**. YouTube, 20 fev. 2020. https://www.youtube.com/watch?v=mhmcTP_rz2M&t=3s. Acesso em: 25 jul. 2022.

FESTAS, M. I. F. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, Coimbra: v. 41, n. 3, p.713-727, 2015. <https://www.scielo.br/j/ep/a/pCzJCg3hLwdjL6DxJwM6zTD/abstract/?lang=pt> Acesso em 12 jan. 2023.

FITZGIBBON, H. B.; WILHELM, K. H. Storytelling em salas de aula de ESL/EFL. **TESL Reporter**, [S.l.]: v. 31, n. 2, p. 21-31, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

GUERRA, E. L. A. **Manual de pesquisa qualitativa**. 1 ed. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

HEINEMEYER, C. **A arte moribunda de contar histórias**. A conversa, 2018. <https://theconversation.com/the-dying-art-of-storytelling-in-the-classroom-93088>. Acesso em 30 jan. 2022.

JOTTA, L. A. C. V. **Embriologia animal: uma análise dos livros didáticos de Biologia do Ensino Médio**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2005. <http://www.rlbea.unb.br/jspui/handle/10482/5011> Acesso em 20 mar. 2023.

KALOGERAS, S. Storytelling: uma tecnologia humana ancestral e uma pedagogia crítico-criativa para uma aprendizagem transformadora. **Revista Internacional de Educação em Tecnologia da Informação e Comunicação**, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 113-122, 2013.

LUCAS, L. F.; PIROVANI, J. C. M.; TEIXEIRA, M. da C.; CORRÊA, C. G. Uso de diferentes recursos didáticos no ensino de reprodução humana no Ensino Fundamental II. **Revista Educação Pública**, [S.l.]: v. 20, n. 37, 2020. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/37/uso-de-diferentes-recursos-didaticos-no-ensino-de-reproducao-humana-no-ensino-fundamental-ii> Acesso em 20 mar. 2023.

MADUREIRA, Â. M. S. **Uma proposta de metodologia do ensino de Embriologia Básica**. 2012. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. https://bib.pucminas.br/teses/EnCiMat_MadureiraAM_1.pdf Acesso em 20 mar. 2023.

MARCUZZO, S.; CAMPOS, P. M.; SCHNEIDER, J.; RÉGIS, C. DA C. Estratégias para motivar a aprendizagem da Embriologia: um relato de experiência no curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas: v. 5, p. 1-15, 2019. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8653470> Acesso em 16 fev. 2022.

MARSH, V.; LUZADDER P. **Histórias que grudam: contos rápidos e fáceis**. 1 ed. Fort Atkinson: Upstart Books, 2002.

MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H. O livro didático de Ciências: problemas e soluções. **Ciência e Educação**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003. <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/FYMYg5q4Wj77P8srQ795H5B/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15 jul. 2022.

MELLO, J. M. de. Análise das condições Didático Pedagógica do ensino de Embriologia Humana no Ensino fundamental e Médio. **Arquivos do MUDI**, [S.l.]: v. 13, n. 1/2/3, p. 34-45, 2009. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/20018> Acesso em 12 fev. 2023.

MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. (VID); TORCHIA, M. G. **Embriologia Básica**. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

OLIVEIRA, M. S. de; KERBAUY, M. N.; FERREIRA, C. N. M.; SCHIAVÃO, L. J. V.; ANDRADE, R. F. A. de; SPADELLA, M. A. Uso de material didático sobre embriologia do sistema nervoso: avaliação dos estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S. l.]: v. 36, n. 1, p. 83-92, 2012. <https://www.scielo.br/j/rbem/a/QN4Xv9v9BwtG3hWv446Cvwy/> Acesso em 27 de mai. 2022.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE J. R. F.; BRANDÃO I. R.; QUEIROZ A. H. B. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE**, Sobral: v. 15 n. 02, p.145-153, 2016. <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049> Acesso em 30 ago. 2022.

PAIXÃO, G. C.; MENEZES, J. B. F.; ARARIPE, F. A. A. L. Recursos e estratégias didático-pedagógicas no ensino de histologia e embriologia na educação básica: uma visão de professores em formação. In: LIMA, J. R. de; OLIVEIRA, M. C. A. de; CARDOSO, N. de S. (Orgs.) **E-book ENEBIO Itinerários de resistência: pluralidade e laicidade no Ensino de Ciências e Biologia**. 21 ed. Campina Grande. Relato de Experiência Docente. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 1759-1768. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/74487>. Acesso em 20 jan. 2022.

REIS, P. Desafios à Educação em Ciências em Tempos Conturbados. **Ciência & Educação**, Bauru: v. 27, e21000, 2021. <https://doi.org/10.1590/1516-731320210000> Acesso em 23 jul. 2022.

RIBEIRO, L. C. V. Testando novas metodologias de aprendizagem para o ensino de embriologia humana: relato de experiência e percepção dos discentes. **Revista Docência Ensino Superior**, Belo Horizonte: v. 8, n. 1, p. 151-165, 2018. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2446> Acesso em 05 jul. 2022.

ROBERTS, G. História, Teoria e a Narrativa Virada. **Revisão de Estudos Internacionais**, [S.l.], v. 32, n. 4, p. 703-713, 2006.

SADLER, T. W. **Embriologia médica**. 13 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

SANTOS, L. C.; RIBEIRO, K. S.; PRUDÊNCIO, C. A. V. Percepções de licenciandos em Ciências Biológicas quanto ao ensino de embriologia na Educação Básica: dificuldades e estratégias de transposição didática. **REnCiMa**, São Paulo: v. 11, n. 7, p. 276-297, 2020.

SOBRAL, J. P. C. P.; VIANA, M. E. R.; LÍVIO, T. A.; SANTOS, A. G. dos; COSTA, B. G. de S.; ROZENDO, C. A. Metodologias ativas na formação crítica de mestres em enfermagem. **Revista Cuidarte**. Bucaramanga: v. 11, n. 1, p. 1-12, 2020. <https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/822> Acesso em 12 fev. 2023.

SOUZA, A. L. C. R. de; ALBUQUERQUE, D. B. de; RIGATTI, R. T.; BATZNER C. N.; ANDRADE, B. B. de; NOGARA, I. Y.; RADTKE, P. P.; MAGRO, D. D. D.; ALBUQUERQUE, C. A. C. de; BARAUNA; S. C. Metodologia alternativa no processo de ensino aprendizagem sobre Embriologia e Reprodução Humana para alunos do Ensino Médio das escolas de Blumenau. **Revista Dynamis. FURB**, Blumenau: v. 21, n. 1, p. 62-71, 2015.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Ciência e Educação**, Bauru: v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017. <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cBjf7MPDSy5V5JYwFJR4bd/abstract/?lang=pt> Acesso em 20 fev. 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENÇA, M. M.; TOSTES, A. P. B. O Storytelling como ferramenta de aprendizado ativo. **Revista Carta Internacional**, Belo Horizonte: v. 14, n. 2, p. 221-243, 2019. <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/917> Acesso em 14 jan. 2023.

VASCONCELOS, S. D; SOUTO, E. O livro didático de Ciências no Ensino Fundamental: proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 1, p. 93-104, 2003. <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/GPVRSHkbqs46FYZvkYth9fg/abstract/?lang=pt> Acesso em 13 jan. 2022.

VINHA, D. da. **Jornada do Herói**: 7 elementos para um storytelling na sala de aula. Curitiba: Insights Docentes, 2021.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WILWERT, M. L.; FADEL, L. M.; CUNHA, C. J. C. de A.; SILVA, S. M. da. Revisão sistemática de estudos sobre a contação de histórias (storytelling) como facilitadora da aprendizagem no ensino fundamental. **Cadernos de Educação (UFPel)**, [S. l.]: n. 65, p. 1-19, 2021. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/15915> Acesso em 20 fev. 2023.

WINQUES, K. (Org.) **Nos caminhos da iniciação científica**: guia para pesquisadores em formação. Joinville: Faculdade Ielusc, 2022. 350p. <https://faculdade.ielusc.br/wp-content/uploads/2022/02/livro-de-metodologia-ielusc-2022-nos-caminhos-da-iniciacao-cientifica.pdf#page=99> Acesso em 12 jan. 2023.

YOLEN, J. **Contos populares favoritos de todo mundo**. Nova Iorque: Random House, 1986.

ZOMPERO, A. F.; LEITE, C. M.; GIANGARELLI, D. C.; BERGAMO, M. C. A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. **Revista Ciências e Ideias**, [S. l.]: v. 9, n. 1, 2018. <https://doi.org/10.22407/2176-1477/2018.v9i1.783> Acesso em 20 mar. 2023.



Revista
Ciências & Ideias